

RICK DALTON – Chegou a protagonizar a própria série de TV, mas hoje não passa de mais um vilão do seriado da semana e vive afogando as mágoas do fracasso em *whiskey sours*. Um telefonema vindo de Roma poderá salvar ou sepultar sua carreira?

CLIFF BOOTH – Dublê de Rick, é a pessoa com a pior reputação de qualquer set de filmagens em toda a cidade de Los Angeles, por ser o único que pode ter cometido um homicídio e escapado de ser preso...

SHARON TATE – Ela saiu do Texas em busca do sonho de se tornar uma estrela do cinema – e conseguiu realizá-lo. No auge de sua carreira, Sharon está morando no topo das colinas de Hollywood ao lado de um promissor cineasta.

CHARLES MANSON – Um bando de hippies doidões acredita que o ex-presidiário é seu líder espiritual, mas eles não sabem que Charlie abriria mão de tudo isso para se tornar um astro do rock.

HOLLYWOOD 1969:

SÓ QUEM VIVEU SABE

**Era uma
vez
em Hollywood**

Um romance

de **Quentin
Tarantino**

Tradução de André Czarnobai



Copyright © 2021 by Visiona Romantica, Inc.

Todos os direitos reservados.

Este livro é uma obra de ficção. Embora faça referência a eventos e pessoas reais, certos personagens, caracterizações, incidentes, locais e as falas dos personagens são elementos criados para fins de dramatização. Respeitando tal ficcionalização, qualquer semelhança entre os nomes, personalidades e histórias de qualquer pessoa – viva ou morta –, produto ou evento aqui caracterizados, tem propósito exclusivamente dramático e não se destina a refletir qualquer pessoa, produto ou evento real.

TÍTULO ORIGINAL

Once Upon a Time in Hollywood

REVISÃO

João Sette Camara

Wendell Setubal

DESIGN DE CAPA

Joanne O'Neill

FOTOS DE CAPA

Andrew Cooper© L. Driver Productions Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-237-1

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Personagens

Cartaz

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Capítulo Um: “Pode me chamar de Marvin”

Capítulo Dois: “Eu sou curioso (Cliff)”

Capítulo Três: Cielo Drive

Capítulo Quatro: Brandy, você é uma boa menina

Capítulo Cinco: O ataque-surpresa de Pussycat

Capítulo Seis: “Hollywood ou nada”

Capítulo Sete: “Good Morgan, Boss Angeles!”

Capítulo Oito: Lancer

Capítulo Nove: “Pense menos em hippie, e mais em Hells Angels”

Capítulo Dez: Infelicidade

Capítulo Onze: O furgão da Twinkies

Capítulo Doze: “Pode me chamar de Mirabella.”

Capítulo Treze: “O doce corpo de Deborah”

Capítulo Quatorze: “Arma secreta contra Matt Helm”

Capítulo Quinze: “Você é um Edgar nato”

Capítulo Dezesseis: James Stacy

Capítulo Dezesete: A Medalha de Valor

Capítulo Dezoito: Meu nome não é palerma

Capítulo Dezenove: “Meus amigos me chamam de Pussycat”

Capítulo Vinte: Um Hamlet sensual e perverso

Capítulo Vinte e Um: A mulher da casa

Capítulo Vinte e Dois: Aldo Ray

Capítulo Vinte e Três: O Hall da Fama dos bebuns

Capítulo Vinte e Quatro: Nebraska Jim

Capítulo Vinte e Cinco: O último capítulo

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Capítulo Um

“Pode me chamar de Marvin”

O alarme do ditafone na mesa de Marvin Schwarz emite um ruído. Os dedos do agente da William Morris mantêm a alavanca do aparelho pressionada.

— Está tocando para me avisar sobre a reunião das dez e meia, Srta. Himmelsteen?

— Isso, Sr. Schwarz — diz a voz de sua secretária pelo pequeno alto-falante. — O Sr. Dalton está aguardando aqui fora.

Marvin pressiona a alavanca novamente.

— Pode mandá-lo entrar quando você quiser, Srta. Himmelsteen.

Quando a porta do escritório de Marvin se abre, sua jovem secretária, a Srta. Himmelsteen, é a primeira a entrar. É uma jovem de 21 anos meio hippie. Está vestindo uma minissaia branca que exhibe suas longas pernas bronzeadas, e os longos cabelos castanhos estão presos ao estilo Pocahontas, uma trança de cada lado. O galã de 42 anos Rick Dalton e seu topete castanho *de rigueur*, reluzindo de gel, surge logo atrás dela.

O sorriso de Marvin vai se abrindo à medida que ele se levanta da cadeira atrás da mesa. A Srta. Himmelsteen faz menção de apresentá-los, mas Marvin a interrompe.

— Srta. Himmelsteen, como eu acabo de ver uma porra de um festival dedicado a Rick Dalton, não precisa apresentar esse cara pra mim — diz ele, e então cruza a distância que os separa, estendendo a mão para que o intérprete de caubóis possa apertá-la. — Toca aqui, Rick.

Rick sorri e dá um tremendo aperto de mão efusivo ao agente.

— Rick Dalton. Muito obrigado, Sr. Schwartz, por arrumar um tempo para me encontrar.

Marvin o corrige.

— É *Schwarz*, não Schwartz.

Jesus Cristo, mal cheguei e já caguei tudo, pensa Rick.

— Puta que pariu... me desculpe por isso... *Sr. Sch-WARZ*.

Dando uma última sacudida na mão de Dalton, o Sr. Schwarz diz:

— Pode me chamar de Marvin.

— Marvin, pode me chamar de Rick.

— Rick...

Eles soltam as mãos.

— Quer que a Srta. Himmelsteen lhe traga alguma coisa gostosa para beber?

Rick gesticula, recusando a oferta.

— Não, não. Estou bem.

Marvin insiste.

— Nada? Tem certeza? Café, Coca, Pepsi, Simba?

— Beleza — diz Rick. — Um cafezinho, então.

— Boa.

Dando um tapinha no ombro do ator, Marvin volta-se para

sua jovem Sexta-Feira.

— Srta. Himmelsteen, você faria a gentileza de trazer um cafezinho para o meu amigo Rick aqui? E eu também vou querer um.

A jovem assente e cruza a extensão do escritório. Quando começa a fechar a porta às suas costas, Marvin grita para ela:

— Ah, e não me traz aquele chorume da Mawell House que eles bebem lá no *lounge*. Vai no escritório do Rex — orienta. — Ele sempre tem uns cafés classudos. Menos aquela merda turca.

— Sim, senhor — responde a Srta. Himmelsteen, e depois se vira para Rick. — Como gosta do seu café, Sr. Dalton?

Rick vira-se para ela e diz:

— Ora, nunca ouviu falar? Preto é lindo!

Marvin solta uma gargalhada que parece o som de uma buzina, enquanto a Srta. Himmelsteen cobre a boca com suas mãos, escondendo uma risadinha. Antes que a secretária consiga fechar a porta às suas costas, Marvin grita:

— Ah, e Srta. Himmelsteen, a menos que minha mulher e meus filhos tenham sido atropelados, suspenda minhas ligações. Na verdade, se minha mulher e meus filhos estiverem mortos eles vão continuar tão mortos daqui a meia hora quanto estão agora; então, suspenda todas as minhas ligações.

O agente gesticula para que o ator se sente em um dos dois sofás de couro virados frente a frente, com uma mesinha de centro entre eles, e Rick se acomoda.

— Em primeiro lugar — diz o agente —, quero transmitir os cumprimentos de minha esposa, Mary Alice Schwarz! Fizemos uma sessão dupla de Rick Dalton na nossa casa ontem à noite.

— Uau. Isso me deixa feliz e também um pouco constrangido — diz Rick. — O que vocês assistiram?

— As cópias de exibição de *O Curtidor* e *Os 14 Punhos de McCluskey*.

— Bom, esses são dois dos bons — diz Rick. — Quem dirigiu *McCluskey* foi Paul Wendkos. Ele é meu diretor favorito, dirigiu *Gidget*. Quase participei desse. Tommy Laughlin ficou com o meu papel — explica, e segue em frente em tom magnânimo: — Mas tudo bem, eu gosto do Tommy. Ele me colocou na primeira peça realmente grande que eu fiz.

— É mesmo? — pergunta Marvin. — Você fez muito teatro?

— Não muito — diz ele. — Enchia o saco fazer a mesma merda todo dia.

— Então Paul Wendkos é o seu diretor favorito? — pergunta Marvin.

— Pois é. Comecei a carreira com ele. Estou no filme dele com o Cliff Robertson, *A Batalha do Mar de Coral*. Dá pra ver eu e o Tommy Laughlin nos fundos do submarino durante a porra do filme inteiro.

Marvin solta um de seus clássicos aforismos sobre a indústria:

— Maldito Wendkos. O cara era especialista em ação, mas totalmente *subestimado*.

— É muito verdade. E quando eu lancei *Lei da Recompensa*, ele dirigiu uns sete ou oito episódios — diz Rick e então, mendigando um elogio, acrescenta: — Espero que a sessão dupla de Rick Dalton não tenha sido muito dolorosa para você e a sua esposa...

Marvin ri.

— Dolorosa? Pare com isso. Achei maravilhoso, mil vezes maravilhoso. Mary Alice e eu assistimos a *O Curtidor* juntos. Ela não gosta da violência dos filmes de hoje em dia; então, eu deixei pra assistir a *McCluskey* sozinho, depois que ela foi se deitar.

Ouve-se então uma leve batida na porta do escritório, segundos antes da entrada da Srta. Himmelsteen de minissaia, trazendo duas xícaras de café fumegante para Rick e Marvin. Ela entrega cuidadosamente as bebidas quentes aos dois cavalheiros.

— Esse é do escritório do Rex, né?

— O Rex disse que você está devendo um charuto pra ele.

O agente dá uma bufada.

— Aquele judeu sovina filho de uma puta, a única coisa que estou devendo a ele é uma surra.

Todos riem.

— Obrigado, Srta. Himmelsteen; isso é tudo por enquanto.

A secretária sai, deixando os dois homens a sós para conversarem sobre o mercado de entretenimento, a carreira de Rick Dalton e, mais importante que isso, sobre seu futuro.

— Onde eu estava? — pergunta Marvin. — Ah, sim, a violência nos filmes de hoje em dia, Mary Alice não gosta. Mas ela ama um faroeste. Sempre amou. Vimos muitos filmes desse tipo durante todo o nosso namoro. Ver faroeste juntos é uma das nossas coisas favoritas, e nós gostamos demais de *O Curtidor*.

— Ahhh, que legal — diz Rick.

— Agora, sempre que fazemos essas sessões duplas — explica Marvin —, quando chega ali pelos últimos três rolos do primeiro filme, Mary Alice já está dormindo no meu colo. Mas com *O Curtidor* ela aguentou quase até o último rolo, e já eram nove e meia. É uma marca muito boa para a Mary Alice.

Enquanto Marvin explica a Rick os hábitos que o casal feliz cultiva ao assistir a filmes, Rick toma um gole do café quente.

Cara, isso é bom, pensa o ator. O tal Rex tem mesmo uns cafés classudos.

Marvin continua:

— O filme acabou, ela foi pra cama. Eu abri uma caixa de Havana, me servi um conhaque, e assisti ao segundo filme sozinho.

Rick toma outro gole do delicioso café de Rex.

Marvin aponta para a xícara.

— Bom esse troço, né?

— O quê? — pergunta Rick. — O café?

— Não, o pastrami. Claro que é o café — diz Marvin, com a típica malandragem de Catskill.

— Porra, sensacional — concorda Rick. — Onde ele consegue isso?

— Em uma delicatessen aqui em Beverly Hills, mas ele não diz qual — diz Marvin, e então volta a descrever os hábitos de espectadora de Mary Alice. — Hoje de manhã, depois do café, e depois que eu já tinha saído para trabalhar, o projecionista, Greg, foi lá em casa e rodou o último rolo para que ela pudesse ver como o filme termina. E essa é a nossa rotina quando vemos filmes. Gostamos muito dela. Mary Alice estava muito

ansiosa para saber como *O Curtidor* acabava. Acho que ela já percebeu que até o final do filme você vai acabar matando seu pai, Ralph Meeker.

— Bom, pois é, esse é o problema desse filme — diz Rick. — Não é *se* eu vou matar o patriarca dominante, mas *quando*. E não é *se* o Michael Callan, meu irmão sensível, vai me matar, mas *quando*.

Marvin concorda.

— Verdade. Mas nós dois achamos que você e o Ralph Meeker tinham muita química em cena.

— Sim, eu também — responde Rick. — Formamos *mesmo* uma boa equipe de pai e filho. O maldito Michael Callan parecia adotado. Mas, no meu caso, dá para acreditar que o Ralph era o meu velho.

— Bom, o motivo da química de vocês é que os dois falam um dialeto parecido.

Rick ri.

— Principalmente comparado ao maldito Michael Callan, que mais parecia um surfista de Malibu.

Ok, pensa Marvin, essa é a segunda vez que o Rick fala mal de Michael Callan, seu parceiro de cena em O Curtidor. Não é um bom sinal. Sugere uma mesquinhez de espírito. Uma pessoa que aponta dedos. Mas Marvin guardou os pensamentos para si.

— Eu achei o Ralph Meeker sensacional — diz Rick ao agente. — Porra, o melhor ator com quem já trabalhei, e olha que eu trabalhei com o Edward G. Robinson! Ele também apareceu em dois dos melhores episódios de *Lei da Recompensa*.

Marvin continua falando sobre a sessão dupla de Rick

Dalton na noite anterior.

— O que nos leva a *Os 14 Punhos de McCluskey*! Que filme! Muito divertido.

Marvin faz de conta que está atirando com uma metralhadora.

— Todos aqueles tiroteios e mortes! Quantos nazistas filhos da puta você mata nesse filme? Uns cem? Cento e cinquenta?

Rick ri.

— Nunca contei, mas acho que deve ser isso mesmo, uns 150.

Marvin os xinga para si mesmo.

— Nazistas de merda... E é você mesmo operando aquele lança-chamas, né?

— Pode apostar que sim — diz Rick. — E, meu amigo, deixa eu te dizer uma coisa: você não ia querer ficar do lado errado dessa arma maluca. Eu treinei com aquele dragão três horas por dia durante duas semanas. E não só para ficar bem em cena, mas porque eu me cagava de medo daquela porra, juro.

— Extraordinário — diz o agente impressionado.

— Foi pura sorte eu ter conseguido esse papel — diz Rick a Marvin. — Originalmente ele era do Fabian. Mas aí, oito dias antes do começo das filmagens, ele deslocou o ombro gravando um episódio de *O Homem da Virgínia*. O Sr. Wendkos lembrou de mim e conseguiu convencer a Columbia a pedir para a Universal me liberar para fazer *McCluskey* — explica Rick, e então conclui a história da maneira que sempre faz: — No fim, eu fiz cinco filmes quando era contratado da Universal. Mas qual foi o de maior sucesso? O que eu fiz cedido para a

Columbia.

Marvin retira uma cigarreira de ouro do bolso interno do casaco e a abre fazendo um barulho. Ele oferece um cigarro a Rick.

— Aceita um Kent?

Rick pega um cigarro.

— Gostou da cigarreira?

— É muito bonita.

— Foi um presente. Do Joseph Cotten. Um dos meus clientes mais queridos.

Rick dá a Marvin a expressão impressionada que o agente está esperando.

— Recentemente consegui um papel para ele em um filme do Sergio Corbucci e outro em um do Ishiro Honda, e esse foi o jeito dele de me agradecer.

Aqueles nomes não significavam nada para Rick.

Enquanto o Sr. Schwarz escorrega a cigarreira de ouro de volta para dentro do bolso interno do casaco, Rick puxa rapidamente o isqueiro do bolso da calça. Ele abre a tampa do Zippo prateado e acende os dois cigarros fazendo um charme. Depois, fecha a tampa do Zippo estilosa e ruidosamente. Marvin ri daquela exibição de fanfarronice, e depois dá um trago.

— O que você fuma? — pergunta Marvin.

— Capitol W Lights. Mas também fumo Chersterfield, Red Apple e, não ria, Virgina Slims.

Marvin ri mesmo assim.

— Ah, eu gosto do sabor — diz Rick, à guisa de justificativa.

— Estou rindo do Red Apple — explica Marvin. — Esse cigarro é um pecado contra a nicotina.

— Eles patrocinavam *Lei da Recompensa*, acabei me acostumando. Além disso, achei que seria esperto ser visto fumando a marca em público.

— Muito esperto — diz Marvin. — Agora, Rick, o Sid é o seu agente. E ele me pediu para que eu te recebesse.

Rick balança a cabeça.

— Você sabe por que ele me pediu isso?

— Para saber se você gostaria de trabalhar comigo? — responde Rick.

Marvin ri.

— Bom, em última análise, sim. Mas o que eu estou querendo dizer é: você sabe o que eu faço aqui na William Morris?

— Sei — diz Rick. — Você é agente.

— Sim, mas o Sid já é o seu agente. Se eu fosse *apenas* um agente, você não estaria aqui — explica Marvin.

— Sim, você é um agente especial.

— De fato, eu sou — concorda o agente, e então, apontando para Rick com seu cigarro fumegante, acrescenta: — Mas eu quero que *você* diga para *mim* o que você acha que eu faço.

— Bom, o que me disseram foi que você coloca atores americanos famosos em filmes estrangeiros.

— Nada mau — diz Marvin.

Agora que os dois cavalheiros estão entendidos, ambos dão profundas tragadas em seus Kents. Marvin solta um longo jato de fumaça e começa seu discurso:

— Agora, Rick, como vamos nos conhecer melhor, uma das primeiras coisas sobre mim que você vai aprender é que *nada*, e quando digo isso é porque é *nada* mesmo, é mais importante para mim do que a minha carteira de clientes. O motivo pelo qual eu tenho os contatos que eu tenho na indústria cinematográfica italiana, alemã, japonesa e filipina é tanto pelos clientes que eu represento quanto pelo que a minha carteira de clientes representa. Ao contrário dos outros agentes, eu não trabalho com quem *já-foi-alguma-coisa*. Eu estou no ramo da *realeza de Hollywood*. Van Johnson, Joseph Cotten, Farley Granger, Russ Tamblyn, Mel Ferrer.

O agente diz cada nome como se recitasse a escalação de um Monte Rushmore hollywoodiano.

— A realeza de Hollywood com uma filmografia temperada por clássicos atemporais!

O agente dá um exemplo lendário.

— Quando o bêbado do Lee Marvin abandonou o papel do Coronel Mortimer em *Por uns Dólares a Mais* três semanas antes do início das filmagens, fui *eu* quem convenceu o Sergio Leone a arrastar aquela bunda gorda até o Sportsmen's Lodge e tomar um café com o Lee Van Cleef, que estava limpo e sóbrio.

O agente deixa que a magnitude da história se acomode ao ambiente. Em seguida, dá uma tragada despreziosa em seu Kent, assopra a fumaça, e solta mais um de seus famosos aforismos sobre a indústria:

— E o resto, como dizem, é *mitologia dos faroestes do novo mundo*.

Marvin olha fixamente para o intérprete de caubóis sentado

do outro lado da mesa de vidro.

— *Lei da Recompensa* era um bom seriado, Rick. Você estava bem nele. Um monte de gente vem pra cá e fica famoso fazendo qualquer merda. Pergunta pro Gardner McKay.

Rick ri da alfinetada em Gardner McKay. Marvin continua:

— Mas *Lei da Recompensa* era um seriado de faroeste muito bom. E esse mérito é seu, e você deve se orgulhar. Mas, agora, você precisa pensar no futuro... Mas antes de falar do futuro, deixa eu entender um pouco melhor essa história.

Enquanto os dois homens fumam seus cigarros, Marvin começa a fazer perguntas para Rick como se ele estivesse em um *game show* ou sendo interrogado pelo FBI.

— Tá, *Lei da Recompensa*. Passava na NBC, né?

— Isso. NBC.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo o quê?

— Quanto tempo tinha o programa?

— Bom, era um programa de meia hora; então, tinha vinte e três minutos, mais os comerciais.

— E quanto tempo durou?

— Nós entramos na grade de exibição no outono da temporada de 1959-1960.

— E quando vocês saíram do ar?

— Na metade da temporada de 1963-1964.

— Chegou a ser colorido?

— Nunca foi colorido.

— Como você foi parar no programa? Você veio do nada, ou a emissora lapidou você?

— Apareci num episódio de *Histórias da Wells Fargo*. Interpretei Jesse James.

— E foi isso que chamou a atenção deles?

— Isso, mas mesmo assim precisei fazer um teste, e tive de me sair muito bem. Mas, sim, foi isso.

— Você pode me descrever os filmes que você fez durante o seu hiato?

— Bom, o primeiro foi *A Revolta dos Comanches*, estrelado por um Robert Taylor já bem velho e bem feio. Mas essa acabou virando a temática de quase todos os meus filmes — explica Rick. — Uma parceria entre um cara velho e um cara jovem. Eu e Robert Taylor. Eu e Stewart Granger. Eu e Glenn Ford. Nunca era eu *sozinho* — explica o ator, frustrado. — Era sempre com um velho de merda.

— Quem dirigiu *A Revolta dos Comanches*? — pergunta Marvin.

— Bud Springsteen.

Marvin faz uma observação:

— Eu notei no seu currículo que você trabalhou com uma caralhada desses diretores antigos da Republic Pictures, Springsteen, William Witney, Harmon Jones, John English...

— Os caras que resolvem a bronca — diz Rick, com uma risada, e em seguida esclarece: — Mas Bud Springsteen não era um cara que *só* resolvia a bronca. Ele não fazia *só* isso. O Bud era diferente dos outros.

A declaração deixa Marvin interessado.

— Qual é a diferença?

— Hã?

— Entre o Bud e os outros caras que só resolvem a bronca — pergunta Marvin. — Qual é a diferença?

Rick não precisa pensar na resposta porque já havia chegado a ela anos atrás, quando participava de um episódio de *Whirlybirds* com Craig Hill, dirigido por Bud.

— O Bud tinha a mesma quantidade de tempo que todos esses outros diretores de merda — diz Rick, com autoridade. — Nem um dia, nem uma hora, nem um pôr do sol mais do que qualquer outro. Mas era o que ele *fazia* com aquele tempo que o tornava bom. A gente tinha orgulho de trabalhar pro Bud — afirma, com sinceridade.

Marvin gosta daquilo.

— E o maldito do Wild Bill Witney foi quem me abriu as portas — diz Rick. — Foi ele que me deu meu primeiro papel de verdade. Um personagem com nome, sabe? E depois me deu meu primeiro papel principal.

— Em qual filme? — pergunta Marvin.

— Ah, era um desses filmes de carros e delinquentes juvenis da Republic — explica Rick.

— Qual era o título? — pergunta Marvin.

— *Corredores sem limite*. E eu participei de uma porra de um *Tarzan* com o Ron Ely nesse último ano.

Marvin ri.

— Então vocês se conhecem há muito tempo?

— Eu e o Bill? Pode apostar.

Rick está mergulhando em suas lembranças e percebe que está indo muito bem; então, decide ir mais fundo.

— Vou te falar uma coisa sobre aquele desgraçado do

Witney: ele é o diretor de ação mais subestimado dessa cidade de merda. O Bill Witney não era apenas um diretor de ação; ele *inventou* a direção de ação. Você disse que gosta de faroeste... Sabe aquela sequência de ação do Yakima Canutt em que ele salta de um cavalo pro outro e depois deita no chão com tudo em movimento em *No Tempo das Diligências*, do John Ford?

Marvin faz que sim com a cabeça.

— O desgraçado do Witney tinha feito isso antes, um ano antes do John Ford e *com* o desgraçado do Yakima Canutt!

— Eu não sabia disso — diz Marvin. — Em qual filme?

— Ele ainda nem tinha dirigido o primeiro filme — explica Rick. — Ele fez essa sequência pra um maldito seriado. Agora deixa eu te falar como é ser dirigido por William Witney. O Bill trabalha partindo do princípio de que não existe nenhuma cena já escrita que não possa ser melhorada acrescentando-se uma briga de soco.

Marvin ri.

Rick continua:

— Eu estava lá gravando um episódio de *Riverboat*, sendo dirigido pelo Bill. Eu e o Burt Reynolds em cena. A gente estava lá fazendo a cena, falando as nossas falas. Daí o Bill diz: “Corta, corta, corta! Vocês estão me deixando com sono desse jeito. Burt, quando ele disser isso, você dá um soco nele. E Rick, quando ele der o soco, você vai ficar puto e vai bater nele de volta. Entenderam? OK, ação!” Daí a gente gravou daquele jeito. E quando terminamos, ele gritou, ‘Corta! Pronto, rapazes, agora temos uma cena!’

Os dois riem dentro da nuvem de fumaça que tomou conta

do escritório. Marvin está começando a gostar da percepção que Rick tem sobre sua experiência em Hollywood, conquistada a duras penas.

— Agora me fala sobre esse filme com o Stewart Granger que você mencionou — pede Marvin.

— *A Caçada* — diz Rick. — Uma montanha de merda sobre um grande caçador branco na África. Até quem assistiu nos aviões queria sair da sala.

Marvin dá uma gargalhada.

Rick informa ao agente:

— Stewart Granger foi disparado o maior babaca com quem já trabalhei. E olha que eu trabalhei com o Jack Lord!

Os dois riem da alfinetada, e Marvin pergunta:

— E você fez um filme com o George Cukor?

— Sim — diz Rick. — Um tremendo abacaxi chamado *A Vida Íntima de Quatro Mulheres*. Ótimo diretor, péssimo filme.

— Foi difícil trabalhar com Cukor?

— Tá brincando? — pergunta Rick. — George gostou de mim pra caralho!

Então, Rick se inclina levemente sobre a mesa de centro e diz, de uma forma insinuante, em um tom de voz mais baixo:

— E digo *pra caralho* literalmente.

O agente sorri, fazendo com que o ator saiba que ele entendeu a insinuação.

— Eu acho que o George tem essa coisa — especula Rick. — Em todo filme ele fica maluco por algum dos garotos. Nesse filme estava entre mim e o Efrem Zimbalist Jr., mas acho que fui eu quem ganhou — diz ele, e segue ilustrando: — Nesse

filme, todas as minhas cenas eram com a Glynis Johns. Nós dois dentro de uma piscina. A Glynis de maiô. Tudo o que dá pra ver são as pernas e os braços, o resto está todo coberto. Já eu estou usando a menor sunga que os censores permitiriam. Agora pensa, uma sunga cor de pele. Em um filme preto e branco? Parece que eu tô pelado, porra! E não é só uma cena minha pulando na piscina. Eu estou com essa sunga minúscula em cenas com diálogos enormes, e a minha bunda ali na tela por uns dez minutos ao longo da porra do filme inteiro. Quer dizer, que merda é essa? Eu virei a Betty Grable agora?

Novamente os dois homens riem, enquanto Marvin retira um caderninho de capa de couro do bolso interno do casaco, oposto ao que contém a cigareira de ouro de Joseph Cotten.

— Eu pedi para algumas fontes darem uma sondada nos seus números na Europa. E, pelo que disseram, até agora, você está bem — diz, e, depois de procurar algumas anotações no caderninho, pergunta em voz alta: — *Lei da Recompensa* foi exibido na Europa?

Então, Marvin encontra a página que está procurando e tira os olhos dela para olhar para Rick.

— Sim, foi. Bom.

Rick sorri.

Marvin olha novamente para o caderno:

— Onde? — pergunta para si.

Quando encontra a página com a informação, responde:

— Itália, bom. Inglaterra, bom. Alemanha, bom. Mas França, não.

E então, ele olha para Rick e diz, em tom de consolo:

— Mas Bélgica, sim. Então, conhecem você na Itália, na Inglaterra, na Alemanha e na Bélgica. OK, esses são dados do seriado de TV. Mas você fez alguns filmes. Qual foi o desempenho deles?

Marvin volta a olhar para o caderninho em suas mãos, folheando suas páginas pequenas, pesquisando seus conteúdos.

— Na verdade — diz ele, encontrando o que procura. — Seus três faroestes, *A Revolta dos Comanches*, *Hellfire, Texas* e *O Curtidor*, foram relativamente bem na Itália, na França e na Alemanha. Sendo que *O Curtidor* foi muito bem na França. Você lê em francês?

— Não — responde Rick.

— Pena — diz Marvin, enquanto retira uma xerox dobrada de dentro do caderninho e a oferece a Rick por cima da mesa de centro. — Essa é uma crítica de *O Curtidor* publicada na *Cahiers du Cinéma*. É uma crítica positiva, muito bem escrita. Você deveria mandar traduzir.

Rick pega o papel e balança a cabeça, concordando com a sugestão do agente, embora o ator saiba muito bem que jamais fará aquilo.

Mas então Marvin ergue a cabeça para olhar Rick nos olhos e diz, em uma empolgação repentina:

— Mas a melhor notícia dessa porra toda: *Os 14 Punhos de McCluskey!*

O rosto de Rick se ilumina. Marvin continua:

— O lançamento dele por aqui foi bom, para um filme da Columbia. Mas, na Europa, *puta que pariu!*

Marvin abaixa sua cabeça para ler a informação à sua frente.

— Aqui diz que *Os 14 Punhos de McCluskey* foi um sucesso estrondoso em toda a Europa. Passou em todos os lugares, e ficou tempo para cacete em cartaz! — informa Marvin, que fecha o caderno e conclui: — Então, eles sabem quem você é na Europa. Eles conhecem o seu programa de TV. Mas, além de ser o cara do *Lei da Recompensa*, lá você é aquele bambambã de tapa-olho e lança-chamas que mata 150 nazistas em *Os 14 Punhos de McCluskey*.

Após essa declaração impactante, Marvin apaga seu Kent no cinzeiro e pergunta:

— Qual foi o seu último filme a ser lançado?

Agora é a vez de Rick apagar o cigarro no cinzeiro, enquanto resmunga:

— Um filme infantil horrível feito para o público das matinês chamado *Salty, a Lontra Falante*.

Marvin sorri.

— Vou partir do princípio que você não é o protagonista.

Rick abre um largo sorriso para a piada do agente, embora não considere engraçado nada a respeito daquele filme.

— A Universal me desovou nesse filme pra encerrar meu contrato de quatro filmes — explica Rick. — O que só serve pra mostrar o quanto eles estavam pouco se fodendo pra mim. Eu lembro daquele babaca do Jennings Lang me vendendo todo um pacote de benefícios. Me seduzindo para eu ir trabalhar com a Universal com um contrato de quatro filmes. A Avco Embassy estava me oferecendo um contrato. A National General Pictures estava me oferecendo um contrato. A Irving

Allen Productions estava me oferecendo um contrato. Recusei todos e assinei com a Universal porque eles eram os maiores. E porque Lang me disse: “A Universal quer entrar no ramo do Rick Dalton.” Depois que eu assinei, nunca mais vi aquele babaca de novo.

E então, fazendo alusão à vez em que o produtor de *Invasores de Corpos*, Walter Wanger, deu um tiro na virilha de Lang por estar comendo Joan Bennett, mulher dele, Rick diz:

— Se tem alguém que merece ter o saco arrancado com um tiro é aquele babaca do Jennings Lang. A Universal nunca quis entrar no ramo do Rick Dalton.

Rick pega sua xícara de café e toma um gole. Esfriou. Ele o coloca de volta na mesa dando um suspiro.

Marvin continua:

— Então, nos últimos dois anos, você esteve fazendo participações especiais em episódios de seriados de TV?

Rick faz que sim com a cabeça.

— Isso. Estou fazendo um piloto para a CBS agora, *Lancer*. Eu faço o vilão. Eu fiz um *Besouro Verde*. Um *Terra de Gigantes*. Um *Tarzan* com o Ron Ely, aquele que eu disse que fiz com o William Witney. E também um *Bingo Martin* com aquele moleque, Scott Brown.

Rick não gosta de Scott Brown; então, quando menciona seu nome, não consegue esconder um olhar de desprezo.

— E acabei de fazer um *FBI* pro Quinn Martin — acrescenta ele.

Marvin toma um gole do seu café, embora esteja um pouco frio.

— Então você está muito bem.

— Eu tenho trabalhado — diz Rick, como se estivesse corrigindo.

— Você interpretou o vilão em todos esses programas? — pergunta Marvin.

— Em *Terra dos Gigantes*, não, mas no resto, sim.

— E todos acabam em cenas de luta?

— Mais uma vez, em *Terra dos Gigantes*, não, nem em *FBI*, mas no resto, sim.

— Agora, a pergunta de 64 mil dólares — diz Marvin —, você perdia a luta?

— É claro — diz Rick. — Eu sou o vilão.

Marvin solta um enorme “ahhhh” para reforçar seu ponto.

— Esse é um truque antigo das emissoras. Veja *Bingo Martin*, por exemplo. Você tem um novato como Scott Brown, e quer fazer a imagem dele. Então, você chama um cara de algum programa cancelado para fazer o papel do vilão. E aí, no final do episódio, quando eles lutam, é o *herói* quem leva a melhor sobre o *vilão*.

Marvin continua, explicando:

— O que o público vê ali é o *Bingo Martin* enfiando a porrada no cara do *Lei da Recompensa*.

Ai, pensa Rick. *Essa doeu, caralho*.

Mas Marvin ainda não tinha acabado.

— Na outra semana, é o Ron Ely de tanga. E, na semana seguinte, é o Bob Conrad com uma calça justinha enfiando a porrada em você — diz Marvin, batendo com o punho direito fechado na palma da mão esquerda aberta para dar efeito. —

Continue interpretando o saco de pancada para todo novato arrogante que surgir na emissora, e isso vai surtir um efeito psicológico na maneira como a audiência enxerga você.

A humilhação masculina contida no que Marvin está insinuando, embora esteja se referindo especificamente à interpretação dramática, faz a testa de Rick transpirar. *Eu sou um saco de pancadas? Foi isso o que virou a minha carreira? Perder a luta para o novato arrogante da temporada? Foi assim que Tris Coffin, estrela de 26 Homens, se sentiu quando perdeu a luta para mim em Lei da Recompensa? Ou Kent Taylor?*

Enquanto Rick mergulha nesses pensamentos, Marvin muda de assunto.

— Agora, pelo menos quatro pessoas já me contaram uma história sobre você — começa Schwarz —, mas nenhuma delas sabe a história inteira; então, eu quero que você me conte. Que história é essa de você *quase* ter feito o papel do McQueen em *Fugindo do Inferno*?

Ah, caralho, essa merda dessa história de novo, pensa Rick. Embora não esteja nada feliz, ele ri, para o deleite de Marvin.

— Essa história só faz sucesso com o público do Sportsmen's Lodge — diz Rick. — Sabe como é, o papel que você quase conseguiu. O peixe que escapou.

— Essas são as minhas histórias favoritas — diz o agente. — Me conta.

Rick já tinha sido obrigado a contar aquela anedota tantas vezes que havia reduzido o conto aos elementos mais básicos. Engolindo seu ressentimento, Rick interpreta um papel que está um pouco além de suas capacidades: o de ator humilde.

— Bem, dizem que na mesma época em que John Sturges ofereceu para McQueen o papel de Hiltz, o Rei da Solitária, protagonista de *Fugindo do Inferno*, Carl Foreman — diz Rick, fazendo referência ao poderoso roteirista e produtor de *Os Canhões de Navarone* e *A Ponte do rio Kwai* — estava fazendo a sua estreia na direção com um filme chamado *Os Vitoriosos*. Ele ofereceu a McQueen um dos papéis principais, e, aparentemente, McQueen ficou tão indeciso que Sturges foi obrigado a fazer uma lista de possíveis substitutos para o personagem. E, *aparentemente*, eu estava nessa lista.

Marvin pergunta:

— Quem mais estava na lista?

— Eram quatro nomes. Eu e os três Georges: Peppard, Maharis e Chakiris.

— Bem — reforça Marvin, entusiasmado —, dessa lista, eu consigo ver facilmente você pegando esse papel. Quer dizer, se o Paul Newman estivesse na lista, talvez não, mas com esses merdas desses Georges?

— Bom, o McQueen acabou ficando com o papel; então, que diferença faz? — pergunta Rick, dando de ombros.

— Não — insiste Marvin —, essa é uma boa história. Dá pra ver você nesse papel. Os italianos vão adorar!

Marvin Schwarz, então, explica a Rick Dalton como funciona a indústria do cinema de gênero na Itália.

— McQueen não trabalha com os italianos de jeito nenhum. *Que se fodam os carcamanos*, é o que ele diz. *Fala pra eles chamarem o Bobby Darin*, é o que diz o maldito. Ele vai pra Indochina por nove meses pra filmar com o Robert Wise, mas não passa dois

meses na Cinecittà com o Guido DeFatso por dinheiro nenhum nesse mundo.

Se eu estivesse na posição do Steve, eu também não perderia meu tempo numa porra de um faroeste de carcamano, pensa Rick.

Marvin continua:

— Dino De Laurentis se ofereceu para comprar uma casa de campo pra ele em Florença. Produtores italianos ofereceram meio milhão de dólares e uma Ferrari zero-quilômetro por dez dias de trabalho em um filme da Gina Lollobrigida — diz Marvin, e faz um adendo: — Isso sem contar que quase com certeza a buceta da Lollobrigida estava incluída no pacote.

Os dois riem.

Bom, aí já é uma outra história, pensa Rick. Eu faria qualquer filme do mundo se eu achasse que poderia comer a Anita Ekberg.

— Mas — diz Marvin —, isso só fez com que os italianos o quisessem ainda mais. Então, por mais que o Steven sempre diga não, e o Brando sempre diga não, e o Warren Beatty sempre diga não, os italianos continuam tentando. E quando não conseguem nenhum deles, os caras aceitam.

— Eles aceitam? — repete Rick.

Marvin ilustra em maiores detalhes:

— Eles *querem* o Marlon Brando, *aceitam* o Burt Reynolds; *querem* o Warren Beatty, *aceitam* o George Hamilton.

Enquanto Rick suporta a autópsia que Marvin está fazendo em sua carreira, sente a ardência e a pontada das lágrimas que começam a se formar em seus globos oculares.

Marvin, indiferente à angústia de Rick, conclui:

— Não estou dizendo que os italianos não *querem* você.

Estou dizendo que eles *vão* querer. Mas o motivo pelo qual *vão querer* você é porque eles *querem* o McQueen, mas eles não *vão conseguir* o McQueen. E quando eles finalmente se derem conta de que não *vão conseguir* o McQueen, eles *vão querer* o McQueen que eles podem *conseguir*. E esse é você.

A franqueza cristalina e brutal das palavras de Marvin choca Rick Dalton tanto quanto se o agente tivesse lhe dado um tapa na cara com a maior força possível com a mão encharcada.

Por outro lado, do ponto de vista de Marvin, todas aquelas notícias eram boas. Se Rick Dalton estivesse sendo cogitado com frequência como protagonista para os filmes dos estúdios, não estaria tendo uma reunião com Marvin Schwarz.

Além disso, Rick era quem havia pedido para se encontrar com Marvin. Rick é quem quer expandir a carreira de protagonista de cinema em vez de interpretar o bandido da vez na televisão. E é o trabalho de Martin explicar para ele as realidades e possíveis oportunidades de uma indústria cinematográfica sobre a qual ele não sabe merda nenhuma. Uma indústria na qual Marvin é um especialista reconhecido. E, na opinião especializada de Marvin, o fato de Rick Dalton ser *parecido* com um dos maiores astros do cinema do mundo é uma oportunidade maravilhosa para um agente que coloca atores americanos famosos em filmes do cinema italiano. Então, é compreensível que Marvin fique confuso ao notar as lágrimas rolando pelo rosto de Rick Dalton.

— O que é isso, garoto? — pergunta o agente, atônito. — Você está chorando?

Incomodado e constrangido, Rick Dalton enxuga os olhos

com o dorso da mão e diz:

— Me desculpe, Sr. Schwarz, eu peço perdão.

Marvin pega uma caixa de lenços na sua mesa e oferece a Rick, consolando o ator de dramalhão.

— Não precisa pedir desculpas. Todo mundo fica mexido de vez em quando. A vida é dura.

Rick puxa dois Kleenex da caixa, produzindo um som abrupto de rasgadura. Da maneira mais viril que é capaz de se mostrar dada a circunstância, ele enxuga os olhos com o lenço de papel.

— Tá tudo bem, só estou um pouco constrangido. Desculpe por essa cena humilhante.

— Cena? — resmunga Marvin. — Do que você está falando? Somos seres humanos, Rick. Seres humanos choram. Isso é uma coisa boa.

Rick termina de enxugar as lágrimas e estampa um sorriso forçado no rosto.

— Viu? Já passou. Foi mal.

— Foi mal nada — repreende Marvin. — Você é ator. Os atores precisam ser capazes de acessar as próprias emoções. Nós precisamos que os nossos atores chorem. Às vezes, essa habilidade cobra um preço. Agora me diga: qual é o problema?

Rick se recompõe, respira fundo, e diz:

— É só que eu venho fazendo isso há mais de dez anos, Sr. Schwarz. E é um pouco difícil ficar aqui sentado depois de todo esse tempo e encarar o fracassado que me tornei. Encarar o fato de que joguei minha carreira no lixo.

Marvin não entende.

— Como assim, fracassado?

Rick olha da outra ponta da mesa de centro e diz ao agente, de forma sincera:

— Sabe, Sr. Schwarz, houve uma época em que eu tinha potencial. Eu tinha. Dá pra ver em alguns dos meus trabalhos. Dá pra ver em *Lei de Recompensa*. Principalmente quando eu tinha uns atores convidados bons. Quando era eu e o Bronson, e eu e o Coburn, e eu e o Meeker, ou eu e o Vic Morrow. Eu tinha alguma coisa ali! Mas o estúdio insistia em me colocar naqueles filmes com aqueles velhos cagados. Agora, eu e o Chuck Heston? Aí era diferente. Eu e o Richard Wildmark, eu e o Mitchum, eu e o Hank Fonda, aí era diferente! E, em alguns dos filmes, a coisa está lá. Eu e o Meeker em *O Curtidor*. Eu e o Rod Taylor em *McCluskey*. Porra, até eu e o Glenn Ford em *Hellfire, Texas*. Àquela altura o Ford já estava pouco se fodendo, mas ele ainda parecia forte pra cacete, e nós dois ficávamos bem juntos na tela. Então, sim, eu tinha potencial. Mas, qualquer que fosse esse potencial que eu tinha, aquele babaca do Jennings Lang da Universal jogou tudo fora.

Então, o ator solta o ar de uma forma dramática e derrotada, e diz para o chão:

— E, que merda, eu também joguei.

Ele levanta seus olhos para encarar o agente.

— Eu joguei fora uma quarta temporada de *Lei da Recompensa*. Porque estava de saco cheio da TV. Eu queria ser um astro de cinema. Eu queria ser como o Steve McQueen. Se ele conseguia fazer aquilo, eu também conseguia. Se durante toda a terceira temporada eu não tivesse sido um pé no saco

que não colaborava, poderíamos facilmente ter emplacado uma quarta. E a gente poderia ter feito tudo muito bem-feitinho e terminado tudo como amigos. Mas agora a Screen Gems me odeia. Aqueles merdas dos produtores do *Lei da Recompensa* vão me odiar pro resto da vida. E eu mereço! Eu fui um babaca naquela última temporada. Eu fiz questão de deixar bem claro pra todo mundo que eu tinha coisa melhor pra fazer do que estar ali gravando aquele programinha de TV de merda.

Os olhos de Rick se enchem de água novamente.

— Eu fiz aquele programa, *Bingo Martin*, odiando aquele babaca do Scott Brown. Mas eu nunca fui tão ruim quanto ele. Pode perguntar para os atores com quem eu trabalhei, para os diretores: eu nunca fui tão ruim quanto o Brown. E eu já tinha trabalhado com muitos caras babacas antes dele, mas sabe o que me pegou *nesse* babaca? Eu vi o quão ingrato ele era. E, quando eu notei isso, eu me enxerguei nele.

Rick olha para o chão novamente, sentindo pena sincera de si mesmo.

— Talvez ficar apanhando do novato arrogante da vez seja o meu destino.

Marvin fica escutando toda a explosão que emana de Rick Dalton com a boca bem fechada e os ouvidos bem abertos. Após um instante, o agente diz:

— Sr. Dalton, você não é o primeiro jovem ator a emplacar um seriado e deixar o sucesso subir à cabeça. Pra falar a verdade, é uma doença bastante comum por aqui. E mesmo assim... olhe pra mim...

Rick levanta seu olhar para encontrar o do agente.

— É perdoável — diz Marvin, mas acrescenta: — Mas você vai precisar fazer uma pequena reinvenção.

— E vou me reinventar como quem? — pergunta Rick.

— Como uma pessoa humilde — responde o agente.

Capítulo Dois

“Eu sou curioso (Cliff)”

Com 46 anos da idade, o dublê de Rick Dalton, Cliff Booth, está sentado na sala de espera do escritório de Marvin Schwarz no terceiro andar do prédio da agência William Morris, folheando um exemplar exageradamente grande da revista *Life* que o agente oferece àqueles que aguardam.

Cliff veste um conjunto de calça e jaqueta jeans da Levi's sobre uma camiseta preta. Seu look é um figurino descartado de um filme de motoqueiros de baixo orçamento no qual Cliff trabalhara três anos atrás. O ator e diretor Tom Laughlin, um velho camarada de Rick e amigo de Cliff (todos fizeram juntos *Os 14 Punhos de McCluskey*), o contratou para trabalhar como dublê de dois motoqueiros no filme de motoqueiros que ele estava estrelando e dirigindo para a American International Pictures (AIP), *Nascidos Para Perder* (que acabaria se tornando o maior sucesso da AIP daquele ano). No filme, Laughlin interpretava, pela primeira vez, o papel que daria vida a um dos mais populares personagens da cultura pop no cinema dos anos 1970, Billy Jack. Billy Jack era um veterano do Vietnã, metade nativo americano, especialista em Hapkido e que não se fazia de rogado em demonstrar sua arte para a violenta gangue de motoqueiros que, no filme, chamava-se *Nascidos Para*

Perder (livremente inspirada nos Hells Angels).

Cliff trabalhou como dublê de um dos membros da gangue batizado de Gangrena, interpretado pelo velho amigo de Jeff Carradine, Jeff Cooper, com quem Cliff era meio parecido. Entretanto, na última semana de filmagens, o dublê de Tom deslocou o cotovelo (andando de skate no seu dia de folga). Então, Cliff o substituiu nas cenas de ação de Tom durante toda a última semana de filmagens.

Ao final da produção paupérrima, quando lhe deram a opção de receber 75 dólares ou ficar com o figurino de Billy Jack — que incluía um par de botas de couro — Cliff optou pelas roupas.

Quatro anos depois, Tom Laughlin estrelou e dirigiu *Billy Jack*, o filme, para a Warner Bros. Laughlin não estava contente com a maneira como o estúdio estava promovendo o filme. Então, adquiriu ele mesmo os direitos e saiu vendendo, de estado em estado, e de mercado em mercado, como o produtor de um circo nos velhos tempos. Laughlin arrendou salas de cinema e inundou a programação das emissoras de TV locais com propagandas instigantes voltadas para as crianças que assistiam à televisão à tarde, depois da escola. As inovações propostas pela distribuição independente de Laughlin, aliadas ao fato de que ele havia feito um filme excelente, tornaram *Billy Jack* um dos maiores sucessos improváveis da história de Hollywood. E quando isso aconteceu, o visual jeans de Cliff ficou tão fortemente identificado com o herói que distribuía chutes que ele teve que parar de usá-lo.

Enquanto a Srta. Himmelsteen atende ao telefone sentada

atrás de sua escrivaninha na sala de espera (“Escritório do Sr. Schwarz”, pausa, “Perdão, ele está com um cliente agora; quem gostaria?”), Cliff está sentado no sofá colorido desconfortável ao lado dela, com a enorme *Life* aberta em seu colo, folheando as páginas. Acaba de ler a crítica de Richard Schickel sobre o novo filme sueco que estava deixando os puritanos americanos, e muitos formadores de opinião na imprensa, de cabelos em pé. O novo filme fez com que tanto Johnny Carson quanto Joey Bishop, bem como todos os humoristas, de Jerry Lewis a Moms Mabley, fizessem piadas com seu título peculiar.

Do sofá, Cliff fala com a Srta. Himmelsteen do outro lado da mesa:

— Você ouviu falar desse filme sueco, *Eu Sou Curiosa* (*Amarelo*)?

— Sim, acho que sim — diz a Srta. Himmelsteen. — É pra ser um filme de sacanagem, né?

— De acordo com a Corte de Apelações dos Estados Unidos, não — informa Cliff.

Lendo diretamente da revista, Cliff recita:

— “A pornografia é um trabalho que carece de um valor social redentor.” E, de acordo com o juiz Paul R. Hays, “Independentemente de considerarmos ou não as ideias do filme particularmente interessantes ou sua execução bem-sucedida do ponto de vista artístico, está bastante claro que *Eu Sou Curiosa* efetivamente apresenta ideias e efetivamente se esforça para apresentá-las de uma maneira artística.”

Ele abaixa a enorme revista e olha nos olhos da juvenzinha de tranças sentada do outro lado da mesa.

A Srta. Himmelsteen pergunta:

— O que isso quer dizer, exatamente?

— *Exatamente* — repete Cliff —, quer dizer que o sueco que dirigiu o filme não fez apenas um filme de sacanagem. Ele estava *tentando* fazer arte. E não importa se a pessoa acha que ele fracassou completamente. Não importa se a pessoa acha que o filme é o maior tolete de merda que já viu na vida. O que *importa* é que ele tentou fazer arte. A intenção não era fazer um filme indecente — explica Cliff, que, sorrindo e dando de ombros, acrescenta: — Pelo menos foi isso o que eu entendi dessa crítica.

— Parece provocante — é o comentário final da jovem de tranças.

— Concordo. Quer assistir comigo?

Um sorriso sarcástico se espalha pelo rosto da Srta. Himmelsteen, enquanto ela pergunta, com um *timing* perfeito de humor judeu:

— Você está me convidando pra assistir a um filme de sacanagem?

— Não — corrige Cliff. — De acordo com o juiz Paul Sei lá o que Hays, eu só estou te convidando pra assistir a um filme sueco. Onde você mora?

Sem conseguir se conter, ela responde instintivamente:

— Brentwood.

— Bom, eu conheço muito bem os cinemas em toda a região de Los Angeles. Você me deixaria escolher a sala?

Janet Himmelsteen está plenamente ciente de que ela nem sequer concordou em sair com Cliff. Mas tanto ela quanto Cliff

sabem que ela vai dizer sim. A William Morris agora tem uma regra que impede as secretárias de minissaia de saírem com seus clientes. Mas esse cara não é um cliente. Rick Dalton é o cliente. Esse cara é só um amigo do Rick.

— Pode escolher — diz a jovem mulher.

— Sábia escolha — diz o homem mais velho.

Os dois sorriem quando a porta do escritório de Marvin se abre e Rick Dalton, usando sua jaqueta de couro marrom, emerge da sala do agente.

Cliff levanta-se rapidamente do sofá desconfortável e fixa o olhar em seu patrão para tentar deduzir como havia sido a reunião que tinha acabado de encerrar. E como Rick parecia meio suado e perturbado, Cliff achou que o resultado não havia sido muito bom.

— Tudo bem? — pergunta Cliff baixinho.

— Sim, tudo bem — responde Rick, secamente. — Vamos dar o fora daqui.

— Pode crer — diz Cliff.

Então Cliff, o dublê, gira sobre os calcanhares até ficar de frente para Janet Himmelsteen, num movimento tão ágil que ela chega a tomar um susto. Ela não dá um pio, mas se encolhe instintivamente. Agora que Cliff está de pé exatamente à sua frente (na verdade, em cima dela), sorrindo como um Huck Finn loiro embrulhado em jeans, a Srta. Himmelsteen percebe o quanto o cara é realmente atraente.

— Entra em cartaz na quarta — informa Cliff à juvenzinha.

— Quando você quer ir?

Agora que ele vem com tudo pra cima dela, arrepios

percorrem a parte carnuda de seus braços. Debaixo da mesa, seu pé direito, calçando uma sandália, sai do chão para acariciar a pele desnuda da panturrilha esquerda.

— Que tal sábado à noite? — pergunta ela.

— Que tal sábado à tarde — negocia Cliff. — Eu te levo numa Baskin-Robbins depois.

— Baskin-Robbins? — repete ela de uma maneira sarcástica e exageradamente empolgada. — Bom, eu não queria dizer sim, mas, agora, como posso dizer não?

— Você não é a única — revela Cliff. — Eu causo esse efeito nas pessoas. Você não quer me dizer sim, mas não consegue me dizer não.

Aquilo atíça Himmelsteen além da risadinha, fazendo-a emitir uma gargalhada. A gargalhada da garota é linda. Cliff diz isso a ela e descobre que ela também fica linda corada.

Ele estica o braço, puxa um dos cartões de visita dela de dentro do que parece ser um ponto de ônibus para cartões de visita feito de plástico transparente, e o traz até a altura dos olhos para ler.

— Janet Himmelsteen — lê ele em voz alta.

— Sou eu — diz ela, e ri, encabulada.

O dublê retira sua carteira de couro marrom do bolso de trás do jeans, abre, e faz toda uma cena para deslizar o cartão de visita branco da William Morris para dentro dela. Depois, o loirão começa a andar de costas pelo corredor para alcançar o patrão, sem deixar de proferir o blá-blá-blá engraçadinho para a secretária:

— Agora, lembre-se: se sua mãe perguntar, eu não estou te

levando pra ver um filme de sacanagem. Estou te levando pra ver um filme estrangeiro. Com legendas.

Ele acena para ela um segundo antes de desaparecer pela quina da parede, dizendo:

— Te ligo na sexta.

* * *

Quando Cliff e a Srta. Himmelsteen assistiram a *Eu Sou Curiosa* (*Amarelo*) no Royal Cinema, em West LA naquela tarde de sábado, os dois gostaram. No tocante ao cinema, Cliff se aventura muito mais do que o patrão. Para Rick, cinema é aquilo que Hollywood produz e, com exceção da Inglaterra, todas as demais indústrias cinematográficas de outros países são apenas o melhor que podem fazer, uma vez que não são Hollywood. Mas, depois de todo o sangue e violência que Cliff testemunhou de perto durante a Segunda Guerra Mundial, assim que voltou para casa, ficou surpreso ao perceber o quanto considerava pueris os filmes de Hollywood. Havia algumas exceções — *Consciências Mortas*, *Corpo e Alma*, *Fúria Sanguinária*, *O Terceiro Homem*, *Os Irmãos Rico*, *Rebelião no Presídio* —, mas esses eram anomalias de uma falsa normalidade.

Assim que alguns países da Europa e da Ásia voltaram, lentamente, a fazer filmes após a devastação da Segunda Guerra Mundial, frequentemente seu pano de fundo eram os destroços dos bombardeios de guerra (*Roma, Cidade Aberta*; *Os Eternos Desconhecidos*), e assim descobriram que estavam

dialogando com uma plateia muito mais adulta.

Enquanto isso, nos Estados Unidos — e, quando eu digo “Estados Unidos”, estou me referindo a “Hollywood” —, um país no qual os integrantes do *front* doméstico foram poupados dos detalhes mais sórdidos do conflito, *seus* filmes permaneceram teimosamente imaturos e lamentavelmente comprometidos com o conceito de entretenimento para toda a família.

Para Cliff, que havia testemunhado os terrores do extremismo humano (como as cabeças dos aliados de guerrilha filipinos cravadas em pontas de lanças pelos invasores japoneses), mesmo os atores mais populares da época — Brando, Paul Newman, Ralph Meeker, John Garfield, Robert - Mitchum, George C. Scott — soavam o tempo todo como atores, e reagiam aos acontecimentos apenas como personagens de cinema fariam. Havia sempre um grau de artificialidade no personagem que os impedia de ser convincentes. Quando voltou aos Estados Unidos, o ator favorito de Cliff passou a ser Alan Ladd. Ele gostava da maneira como o diminuto Ladd ficava praticamente nadando dentro dos figurinos dos anos 1940 e 1950 que ele usava. Não gostava dos seus filmes de faroeste ou de guerra, porque Ladd desaparecia dentro das roupas dos caubóis e dos uniformes militares. Ele precisava vestir terno e gravata e, de preferência, usar um chapéu com a aba inclinada. Cliff gostava desse visual. Ladd era um cara bonito sem ser aquele bonito-galã-de-cinema. E, por ele mesmo ser bonito pra cacete, Cliff era fã de homens que não eram bonitos, mas que nem precisavam ser. Alan Ladd se parecia

com alguns dos caras que serviram com ele. Ele também gostava do fato de Alan ter cara de americano. Mas ele simplesmente adorava a maneira como aquele tampinha brigava nos filmes. Ele adorava o jeito em que ele sentava a porrada em atores especializados em interpretar gângsteres. Adorava aquela mecha de cabelo que caía em seu rosto durante a luta. E adorava como Ladd costumava rolar no chão com os bandidos. Mas a coisa que ele mais gostava sobre Ladd? A voz. Ele dizia as falas de uma maneira direta, sem firulas. Quando Ladd contracenava com William Bendix, Robert Preston, Brian Donlevy ou Ernest Borgnine, todos pareciam amadores comparados a ele. Quando Ladd ficava irritado em um filme, ele não saía se *comportando* como um louco. Ele simplesmente ficava puto, como uma pessoa real. Na opinião de Cliff, Alan Ladd era o único cara no cinema que sabia pentear o cabelo, usar um chapéu, ou fumar um cigarro (OK, Mitchum também sabia fumar um cigarro).

Isso demonstra o quão pouco realistas Cliff achava os filmes de Hollywood. Quando assistiu a *Anatomia de um Crime*, de Otto Preminger, riu quando os jornais disseram que o filme tinha uma “linguagem escandalosamente adulta”. Ele brincou com Rick dizendo que “Só num filme de Hollywood para ‘espermicida’ ser considerado ‘escandalosamente adulto’”.

Por outro lado, quando assistia a filmes estrangeiros, via nos atores um grau de autenticidade que simplesmente não existia no cinema de Hollywood. O ator favorito de Cliff, sem sombra de dúvida, era Toshiro Mifune. Cliff ficava tão encantado olhando para o rosto de Mifune que, às vezes, se esquecia de ler

as legendas. Outro ator estrangeiro que ele curtia era Jean-Paul Belmondo. Quando Cliff viu Belmondo em *Acosado*, pensou, *O cara parece a porra de um macaco! Mas eu gostei desse macaco.*

Assim como Paul Newman, de quem Cliff gostava, Belmondo tinha o carisma de uma estrela de cinema.

Porém, quando o Paul Newman interpretava algum filho da puta, como em *O Indomado*, o filho da puta era muito apazível. Já o cara em *Acosado* não era um galãzinho babaca qualquer. Era um ladrãozinho filho da puta desprezível. E, ao contrário dos filmes de Hollywood, ele não era retratado com sentimentalismo. Em Hollywood, sempre retratavam merdas como esse com sentimentalismo, e essa era a coisa mais falsa que essa indústria fazia. No mundo real, aqueles mercenários de merda não tinham um pingo de sentimento em seu corpo inteiro.

E esse era o motivo pelo qual Cliff gostava de Belmondo, por não ter feito isso com o merdinha que interpretou em *Acosado*. Filmes estrangeiros, pensava Cliff, eram mais parecidos com livros: não davam a mínima se você gostava dos protagonistas ou não. E Cliff achava aquilo intrigante.

* * *

Então, nos anos cinquenta, Cliff começou a dirigir até Beverly Hills e Santa Mônica e West Los Angeles e Little Tokyo para assistir a filmes estrangeiros em preto e branco com legendas em inglês.

A Estrada da Vida, Yojimbo, Viver, A Ponte da Desilusão, Rififi,

Ladrões de Bicicleta, Rocco e Seus Irmãos, Cidade Aberta, Os Sete Samurais, Técnica de um Delator, Arroz Amargo (que Cliff considerava sexy pra caralho).

— Eu não vou ao cinema pra ler — dizia Rick para provocar Cliff por sua cinefilia.

Cliff respondia à provocação do patrão com um simples sorriso, mas sempre sentia orgulho de si mesmo por assistir a filmes legendados. Ele se sentia mais inteligente. Gostava de expandir a mente. Gostava de se esforçar para lidar com conceitos difíceis que não se apresentavam logo de cara. Depois dos primeiros vinte minutos, não havia mais surpresa alguma num filme de Rock Hudson ou Kirk Douglas. Mas, com os filmes estrangeiros, às vezes era preciso assistir ao filme inteiro para entender o que você assistiu. Mas isso não o intimidava. De um jeito ou de outro, esses roteiros ainda precisavam funcionar como *filmes*, senão, qual seria o sentido? Cliff não entendia tanto de cinema a ponto de ser capaz de escrever uma crítica para a *Films in Review*, mas entendia o bastante para saber que *Hiroshima, Meu Amor* era um monte de merda. Ele entendia o bastante para saber que Antonioni era uma fraude.

Ele também gostava de enxergar as coisas por perspectivas diferentes. *A Balada do Soldado* lhe deu um respeito pelos aliados soviéticos que ele nunca havia sentido antes. *Kanal* lhe mostrou que sua experiência nos tempos de guerra, comparada às de algumas pessoas, talvez não tenha sido tão ruim. *A Ponte da Desilusão*, de Bernhard Wicki, fez com que ele fizesse uma coisa que imaginava ser impossível: chorar pelos alemães. Em geral, Cliff não compartilhava essas tardes dominicais com

ninguém (as tardes de domingo eram reservadas aos filmes estrangeiros). Nenhuma outra pessoa em seu círculo estava interessada (era quase cômico o quão pouco a comunidade de dublês se interessava por cinema). Mas Cliff gostava de assisti-los mesmo sozinho. Era seu momento de privacidade com Mifune, Belmondo, Bob, o Jogador, e Jean Gabin (tanto a versão jovem e bonita quanto a velha e grisalha); aquele era o seu momento com Akira Kurosawa.

* * *

Yojimbo não foi a primeira vez que Cliff viu um filme de Mifune nem de Kurosawa; ele havia assistido a *Os Sete Samurais* havia alguns anos. Achou magnífico. E também achou que aquela seria a única vez que achara isso. Mas os críticos dos jornais convenceram o dublê a investigar a nova empreitada de Mifune e Kurosawa. Depois de sair de uma sala de cinema do tamanho de uma caixa de sapatos em um shopping em Little Tokyo, região central de LA, Cliff já havia se tornado fã de Mifune, mas ainda não de Kurosawa. Não era da natureza dele acompanhar a obra de um diretor. Não tinha o cinema em tão alta conta assim. Diretores de cinema eram apenas os caras que rodavam o filme de acordo com o cronograma. E por ter trabalhado com vários deles, Cliff sabia muito bem disso. Essa ideia do diretor como um pintor atormentado que sofre tentando decidir qual tom de azul aplicar na tela era uma fantasia totalmente desproporcional a respeito de o que era fazer cinema. William Witney se arrebatava pra cumprir o

cronograma do dia e ter um bom material no final do trabalho. Mas não existe comparação entre ele e um escultor que transforma um pedaço de pedra em uma bunda feminina que dá vontade de apalpar.

Mas alguma coisa em *Yojimbo*, além de Mifune, além da história, impactou Cliff. E ele achou que esse elemento a mais *poderia* ser Kurosawa. O terceiro filme de Kurosawa que ele assistia provou que os dois anteriores não haviam sido um acidente. *Trono Manchado de Sangue* explodiu sua cabeça. Ele tinha ficado um pouco ressabiado quando ouviu falar que era baseado em *Macbeth*, de Shakespeare, de quem ele nunca havia gostado (embora quisesse muito gostar). Agora, Cliff costumava ficar um pouco entediado quando assistia a um filme. Quando queria adrenalina, dava umas voltas de carro em uma pista de corrida, ou percorria uma trilha acidentada com uma moto de motocross. Mas, em *Trono Manchado de Sangue*, Cliff ficou totalmente absorto. Assim que viu a imagem de Mifune, filmado em um preto e branco em que o preto parecia carvão, vestindo sua armadura militar, cravejado por uma centena de flechas, ficou oficializado que: Cliff Booth era fã de Akira Kurosawa.

Depois de toda a violência a que o mundo fora submetido durante os anos 1940, os anos 1950 foram dos melodramas emocionais. Tennessee Williams, Marlon Brando, Elia Kazan, Actors Studio, *Playhouse 90*. Em todos os sentidos, Akira Kurosawa era o diretor perfeito para esta década pomposa, época em que sua sequência mais renomada de filmes surgiu. Os críticos de cinema americanos incensaram Kurosawa desde